

## Entre memórias, literatura e história: análise léxico-cultural em contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009)

*Between memories, literature, and history: a lexicon-cultural analysis in short stories of the work "Rastros e trilhas", by Braz José Coelho (2009)*

Submetido em: 29/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Maiune de Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Ana Vitória Gomes Moreira<sup>2</sup>  
Vanessa Regina Duarte Xavier<sup>3</sup>

**Resumo:** Compreendendo que a literatura é uma manifestação artística que preza pelo uso estético da linguagem, ela está ligada à cultura de um povo e a um tempo (Borges, 2010). Além disso, as obras que a integram podem ser analisadas do ponto de vista linguístico, constituindo formas de interpretar e de representar o mundo. Destarte, o presente trabalho teve por objetivo realizar uma análise léxico-cultural em três contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009). Para a metodologia, realizamos a leitura da obra e selecionamos três contos para compor o corpus. Após a leitura dos contos, realizamos um inventário das unidades lexicais que dizem respeito à cultura local e, após isso, estruturamos os campos lexicais. Posteriormente, realizamos a análise das unidades lexicais à luz de dicionários gerais de língua, discutindo os sentidos inferidos do contexto em que se inserem na obra. Para a fundamentação, empregamos teóricos que versam sobre Lexicologia, campos lexicais e memória, tais como Biderman (1981), Coseriu (1972), Barreto (2010), entre outros. Assim, a partir dos campos lexicais ofícios/profissões, religiosidade, relações afetivas e animais foi possível refletir acerca da cultura goiana expressa na obra em foco.

**Palavras-chave:** Léxico; Campos Lexicais; Literatura regional; Memória; História.

**Abstract:** Understanding that literature is an artistic manifestation that values the aesthetic use of language, it is connected to the culture of a people and a specific time (Borges, 2010). Moreover, the works that comprise literature can be analyzed from a linguistic perspective, representing ways to interpret and portray the world. Thus, the present study aimed to conduct a lexicon-cultural analysis of three short stories from the work "Rastros e trilhas", by Braz José Coelho (2009). For the methodology, we read the book and selected three short stories to compose the corpus. After reading the stories, we conducted an inventory of lexical units related to the local culture and structured lexical fields based on that. Subsequently, we analyzed the lexical units in the light of general language dictionaries, discussing the

<sup>1</sup> Graduada em Letras/Português e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Atualmente, é Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão, com bolsa de fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8860405741904592>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8498-9420>. E-mail: [oli.maiunes@gmail.com](mailto:oli.maiunes@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7042061427335231>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3117-7576>. E-mail: [anavitoria123r@gmail.com](mailto:anavitoria123r@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8615393836970411>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>. E-mail: [vanessaregina@ufcat.edu.br](mailto:vanessaregina@ufcat.edu.br).

inferred meanings from the context in which they are inserted in the work. For the theoretical foundation, we employed scholars who deal with Lexicology, lexical fields, and memory, such as Biderman (1981; 1984), Coseriu (1972), Barreto (2010), among others. Thus, based on the lexical fields of professions, religiosity, affective relationships, and animals, it was possible to reflect on the Goiana culture expressed in the focused work.

**Keywords:** Lexicon; Lexical Fields; Regional Literature; Memory; History.

## Introdução

Obras literárias com linguagem regional podem se tornar fontes para se investigar a língua e a cultura de uma época. Nesse sentido, estudos podem ser realizados por diversos prismas linguísticos, tais como: morfológico, sintático, semântico, discursivo, lexical, entre outros. O estudo lexical feito a partir de *corpus* literário é produtivo, pois, por meio dele, podemos acessar realidades que são caras ao léxico. Não se trata de empreender uma abordagem que diminua o texto literário aos seus elementos gramaticais, mas de tecer uma discussão que, a partir do léxico, contribua com a análise do texto literário em foco. O discurso literário pode, portanto, ser perquirido para além da tradição e crítica literária, considerando-se o contexto situacional e o “cotexto”, que trata das relações linguísticas que se estabelecem em seu interior (Cardoso, 2018).

A pesquisa em tela situa-se no âmbito dos estudos lexicais, especificamente na Lexicologia, e tem como objetivo geral analisar três contos da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), em perspectiva léxico-cultural, visto que Borba (2006, p. 83) afirma que “o léxico faz a conexão entre a língua, como entidade abstrata, e a realidade, o mundo dos objetos”. Como objetivos específicos, podem-se listar: i) problematizar algumas imbricações entre história e memória, a partir da obra literária examinada; ii) demonstrar correlações entre o léxico e aspectos socioculturais da época em que a obra foi escrita e iii) caracterizar os principais temas abordados nos contos em estudo, com base nos campos lexicais obtidos.

A obra selecionada é composta por oito contos, que versam sobre religiosidade, vestimentas, profissões, ocupações e visões de mundo relacionadas às atividades rurais, exercidas em Catalão - Goiás, local em que as narrativas se ambientam, na segunda metade do século XX. Sobre essa asserção, Coelho (2009, p. 11) explicita que

a obra foi escrita “numa época que Catalão era uma cidade muito ligada às atividades rurais, às atividades roceiras e o imaginário da época refletia essas atividades e as lutas pela posse e distribuição das terras [...]”. Vale lembrar que os contos que compõem a obra foram escritos em 1959, apesar de terem sido publicados apenas em 2009, conforme salienta o autor no prefácio de seu livro. Ainda que de cunho ficcional, os contos não se furtam de representar, em certa medida, o cenário socioeconômico de Catalão à época, sendo as atividades rurais os principais ofícios das pessoas que residiam nessa cidade.

Braz José Coelho, autor da obra, nasceu em Silvânia-GO, em 30 de julho de 1938, tendo passado a infância no município de Ipameri-GO, mais precisamente na Fazenda Duas Pontes. Desenvolveu parte de seus estudos em Catalão-GO e, posteriormente, mudou-se para Goiânia-GO para cursar o ensino superior em Letras Vernáculas, pela Universidade Católica de Goiás (UCG), atual Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS). Defendeu sua dissertação de mestrado em 1974, na Universidade Federal de Goiás (UFG), e fez doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista (Unesp) “Júlio de Mesquita Filho”, em Araraquara-SP. O escritor tem publicações nas áreas de Linguística e Literatura<sup>4</sup>. Nessa última, o autor conta com livros de poesias, contos e crônicas. Suas obras literárias, de modo geral, tematizam a ruralidade, a lida roceira e momentos de fé das personagens, sobretudo, uma parcela da cultura goiana nos diversos tempos históricos em que são ambientadas.

À luz do exposto, esquadrihar o léxico da obra “Rastro e Trilhas” permite uma compreensão acerca das configurações sociais, históricas e culturais de Catalão-GO no espaço temporal tratado na narrativa. Além disso, corrobora a ideia de que o léxico é testemunho de uma sociedade e de um momento histórico, sendo por meio dele que o homem transmite valores e ideias às próximas gerações, conforme assevera Biderman (1981).

---

<sup>4</sup> Estas informações bibliográficas constam nas orelhas dos livros escritos e publicados pelo autor.

Em relação à metodologia empregada, fez-se necessária uma leitura acurada da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), com o intuito de identificar, inventariar e delimitar as unidades lexicais a serem analisadas. A princípio, realizamos uma leitura, apenas com o intuito de conhecer a obra e as temáticas que os contos abordavam. Esse primeiro contato fez-se importante pelo fato de nos ambientarmos com a escrita do autor e com a linguagem das suas personagens. Concomitantemente a essa etapa, realizamos pesquisas bibliográficas sobre léxico, tais como em Biderman (1981), Vilela (1994) e Borba (2006), haja vista que esses autores conceituam o léxico e mencionam suas intersecções com a cultura, aspecto presente na obra de Coelho (2009). Sobre memória, fundamentamo-nos em Pollak (1992), para estabelecermos alguns pontos da relação entre memória e história. No que tange aos campos lexicais, consultamos Coseriu (1972), Abbade (2011), Barreto (2010), para depreender conexões semânticas entre as unidades lexicais arroladas.

Em seguida, delimitamos os contos que comporiam o nosso *corpus*, restringindo-nos a três, a saber: “Conversas na barbearia”, “Tocaia” e “A luta”, porquanto são contos em que percebemos uma abundância de unidades lexicais referentes aos hábitos e costumes dos moradores catalanos à época. Ademais, devido à quantidade de páginas destinadas ao presente artigo, não foi possível analisar todos os contos e os temas que eles apresentam. Diante disso, realizamos o inventário das unidades lexicais relacionadas aos aspectos socioculturais da cidade de Catalão, sem o auxílio de *softwares*. Os resultados foram estruturados em campos lexicais, representados na forma de quadros, que possuem: a abonação retirada do *corpus* e o sentido obtido a partir dos dicionários selecionados ou pelo sentido obtido do contexto dos contos, quando necessário. A organização dos campos em quadros se mostrou necessária para que pudéssemos acessar as informações de forma mais célere durante a análise e para que os consulentes possam contemplar a estrutura dos campos.

Os dados foram cotejados em três dicionários gerais de língua, a saber: o “Dicionário Houaiss” em versão eletrônica, de Houaiss e Villar (2009), o “Dicionário Michaelis” *Online* (2023) e o “Caldas Aulete” *Online*, de Aulete e Valente (2023). Em

algumas análises, oportunamente recorreremos a acepções do “Dicionário do Brasil Central”, de Ortêncio (2009), para complementar a discussão. A escolha pelo Dicionário Houaiss (2009) se deu por tratar-se de uma obra lexicográfica amplamente utilizada em trabalhos envolvendo a Lexicologia. Os dicionários *Michaelis Online* (2023) e *Aulete Online* (2023) foram selecionados pelo fato de estarem entre o rol de artefatos lexicográficos mais populares do Brasil publicados após 2000, segundo Frankenberg-Garcia (2017). A seleção de dicionários *online* também se justifica pela acessibilidade, uma vez que o acesso à *internet* e os avanços da tecnologia possibilitam que eles funcionem como materiais de consulta para distintos públicos. O dicionário de Ortêncio (2009) foi utilizado na construção das análises pelo fato de ele ser composto por regionalismos, possibilitando-nos encontrar acepções mais fidedignas ao contexto apresentado nos contos investigados.

Quando não foi possível recuperar a acepção da unidade lexical por meio da consulta nos dicionários, utilizamos como referência outras fontes que as contemplassem ou a inferimos do contexto narrativo. Isso possibilitou-nos expandir nossos conhecimentos acerca do léxico regional utilizado em Goiás em meados do século XX e, compreender, de forma ampla, determinados contornos socioculturais explorados nos contos. Algumas definições das unidades léxicas não foram abarcadas pelos dicionários gerais de língua consultados, possivelmente pelo fato de ser uma obra literária regional, já que é comum dicionários gerais de língua não dicionarizarem todos os usos regionais.

No que tange à estruturação dos dados em campos lexicais, ressaltamos que eles foram organizados da seguinte maneira: i) as entradas constituíram-se pelas unidades lexicais em sua forma canônica, isto é, os verbos no infinitivo, os substantivos e adjetivos, sempre que possível, no masculino e singular; ii) a abonação extraída do *corpus*; e iii) seu(s) sentido(s) conforme o contexto da obra analisada, retirados dos dicionários. Assim, obtivemos quatro campos principais, a saber: *ofícios/profissões*, *religiosidade*, *relações afetivas* e *animais*. Tais campos possuem relação direta com o universo social e cultural vivenciado pelas personagens. Por conta do volume de dados,

restringimo-nos a apresentar a análise dos três contos supramencionados, delimitando a nossa análise em cinco unidades lexicais de cada campo lexical, em razão da extensão limitada deste artigo. Salientamos que a obra é permeada por unidades lexicais que poderiam compor outros campos, mas, nesta oportunidade, optamos pelo referido recorte.

Inventariar essas unidades léxicas foi importante para compreendermos a temática de cada conto e, também, para construirmos os campos lexicais, consoante os postulados de Coseriu (1972), Barreto (2010) e Abbade (2011). Para fundamentar nossa análise, também recorremos a Biderman (1981), que trata dos estudos lexicais em estreita relação com o sociocultural. Após mapeadas as principais unidades lexicais de cada conto, de acordo com nosso objetivo, realizamos o seu cotejo nos dicionários gerais de língua disponíveis *online* e refletimos acerca da especificidade ou não dos seus sentidos ao longo dos contos.

Diante disso, esse trabalho encontra-se dividido em duas seções principais: na primeira parte, discutimos acerca da literatura regionalista de Coelho, memória, história e léxico, no segundo momento, dissertamos sobre a teoria dos campos lexicais, apresentando as análises dos dados e realizando uma discussão que inter-relacionou as unidades lexicais inventariadas com a realidade sociocultural da cidade de Catalão-GO.

### **A literatura regionalista de Coelho nos meandros da ficção, da memória, da história e do léxico**

A obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), pode ser considerada de caráter regional pela linguagem empregada pelas personagens e sua caracterização, pelas referências culturais, como também pela ambientação dos contos. Coutinho (1955) caracteriza o regionalismo como uma expressão literária que busca prestigiar as características intrínsecas de um lugar, tanto na perspectiva geográfica quanto cultural.

É perceptível que Braz José Coelho (2009) retrata em sua obra traços característicos da ocasião em que Catalão estava sendo elevada ao patamar de cidade,

especialmente no tocante às atividades rurais que ali eram desenvolvidas. Palacín e Morais (1994) explicam que a cidade de Catalão se desenvolveu à base da agricultura, o que é evidenciado nos contos da obra, tal como exemplificamos no trecho que segue:

Aquelas primeiras roças eram só produção pro gasto. Só depois da fazenda pronta que tocaram roças maiores e mais diversificadas. Além de arroz, feijão, milho, mandioca, fizeram roças de fumo, de café, plantação de cana, pequenos roçados de amendoim e outras miudezas – tudo, além do gasto, pra vender (Coelho, 2009, p. 79-80).

De acordo com Monteiro (1998, p. 183), a literatura não pode ser considerada apenas ficção, desvinculada do real, uma vez que “Tanto a História quanto a Literatura são construídas a partir de um lugar social de onde se narra (classe, etnia, sexo, instituição, *métier*) e se tematiza a realidade”. A literatura pode “registrar o cotidiano da sociedade em vários aspectos, momentos e lugares, o que permit[e] ser reconhecida como canal de comunicação e documentação histórica [e] sociocultural” (Araújo, 2018, p. 15). Nesse sentido, a literatura e a história também possuem correlação com a memória, possuindo mecanismos que a permitem subsistir e perpassar as gerações; de outra parte, são a súpula dessa. Ricoeur (2003) ressalta que a memória permite à história uma reapropriação do passado, em suas múltiplas facetas. Fenômeno semelhante podemos observar na imbricação entre literatura e memória. Essa relação é dialética, pois produzir memórias na literatura significa assumir o imaginário e o vivido como partes da mesma moeda.

Machado de Assis (2017, p. 324) diz que a missão de um romancista, estendemos inclusive essas considerações aos contistas, não é “copiar” os fatos tais como aconteceram na realidade, pois se assim fosse, a arte seria inútil e “a memória substituiria a imaginação”. Para o autor, “é a mão do poeta [escritor] que levanta os acontecimentos da vida e os transfigura com a varinha mágica da arte” (Assis, 2017, p. 324).

A ficção literária é assumida essencialmente como um lugar de memória, pela sua capacidade de criação, por compor-se de fios discursivos que podem representar ou não uma realidade. Pollak (1992, p. 201), retomando Halbwachs, salienta que “a

memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Por esse prisma, nota-se que a memória não está diretamente ligada a fatos históricos e reais, porque é uma construção subjetiva, prenhe de sua pertença sociocultural.

Pollak (1992) ainda ressalta que a memória é constituída essencialmente por três elementos, os *acontecimentos*, as *pessoas* ou *personagens* e os *lugares*, que podem ter participado da vivência do sujeito efetivamente ou não, sendo esse último caso o que o autor denomina como fatos “vividos por tabela”, em decorrência da sua identificação com fatos do passado, por meio da sua socialização. Em suas palavras, esses acontecimentos podem ser descritos como “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (Pollak, 1992, p. 201).

Desse modo, assume-se, neste estudo, uma concepção dialética entre a literatura e a história, entendendo que a literatura não repousa tão somente na ficção ou no irreal, mas que também pode conectar-se com o real, tradicionalmente vinculado ao conhecimento histórico. Complementarmente, a história não desvela verdades absolutas sobre fatos passados, mas sim os interpreta sob várias perspectivas.

De acordo com Monteiro (1998, p. 183), a literatura é o lugar a partir do qual o acontecimento é “narrado” e a forma pela qual isso ocorre, assim como o seu vínculo necessário ou não com a realidade, que distinguem as esferas literária e histórica. Diante disso, é necessário considerar que “História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido” (Pesavento, 2012, p. 32). Consoante aponta Borges (2010, p. 98), a literatura expressa a multiplicidade de aspectos “do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere”, por esse motivo ela é constituída a partir das referências culturais e sociais. Assim, “[...] a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época” (Borges, 2010, p. 98). Segundo o autor, como produto social, a literatura pode representar “[...] os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos,

as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico (Borges, 2010, p. 98).

Por sua vez, a cultura se constitui de todo artefato ou produto que resulte da criação humana, incluindo-se as crenças, os costumes, as tecnologias etc. Por conseguinte, os fatos de cultura recebem denominações que os delimitam conceitualmente no conjunto de dados/elementos da experiência de modo geral, ao que chamamos de categorização. Em consonância com Biderman (1981, p. 134):

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural.

Desse modo, os sujeitos apropriam-se de suas experiências concretas a partir da conceitualização e simbolização dos elementos que a constituem por meio dos expedientes lexicais, que a ela estão intimamente conectados. Por isso, o léxico é a súpula da interação do homem com o seu meio, possuindo matizes socioculturais diversas.

Nessa perspectiva, entendemos que o campo léxico consiste em uma estrutura paradigmática, determinada pela existência de uma zona de significação comum (Coseriu, 1972). Constitui, assim, uma forma de sistematizar os dados, considerando-se as propriedades semânticas das unidades léxicas. De acordo com Abbade (2011, p. 1337), “as relações internas de um campo léxico enquanto estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam”.

Acresce-se a isso a afirmação de Barreto (2010, p. 66, grifos no original) de que “o vocabulário de um estado sincrônico de língua é uma totalidade semanticamente articulada em campos léxicos, que podem estabelecer entre si uma relação de coordenação ou hierarquia e que representam *um todo articulado*, uma estrutura”. Portanto, as unidades lexicais adquirem sentido em relação umas com as outras, determinando-se, na esfera conceitual, mutuamente. Tais assertivas ratificam o aspecto

estrutural do léxico, inclusive sob a forma mnemônica, pois se trata de um acervo lexical categorizado na memória do indivíduo. Assim é que as unidades lexicais não se encontram isoladas, pelo contrário, articulam-se por oposições semânticas, dando origem a campos hierarquizados, os campos lexicais.

### Enveredando pelos “rastros e trilhas” dos campos lexicais

Esta seção apresenta as unidades lexicais inventariadas nos três contos, que constituíram o *corpus* da presente pesquisa, as quais compõem os quatro campos lexicais que serão apresentados adiante. Analisamos as unidades qualitativamente, com o fito de verificar as relações que elas estabeleceram com a cultura catalana do século XX.

Os campos lexicais foram engendrados conforme a similaridade ou oposição semântica das unidades léxicas encontradas nos contos. Segundo Abbade (2011, p. 1332, grifos no original), “os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: *o campo léxico*”. Consoante Coseriu (1972, p. 31, *tradução nossa*)<sup>5</sup>, o campo lexical é uma estrutura paradigmática do léxico que comporta unidades lexicais que “[...] partilham uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras”. Um campo lexical estabelece-se pela relação entre as unidades léxicas que o compõem e o conjunto de campos lexicais é capaz de revelar os principais eixos temáticos dos contos, ou seja, suas principais zonas de significação ou conteúdo semântico.

Diante disso, as unidades lexicais inventariadas foram estruturadas em campos lexicais, considerando-se o seu uso nos contos. Levando em conta outro contexto e outro recorte histórico-cultural, certamente a estruturação lexical também se alteraria. Estabelecemos quatro campos lexicais a partir do *corpus*, a saber: *ofícios/profissões*,

---

<sup>5</sup> No original: “[...] *partageant une zone de signification continue commune et se trouvant en opposition immédiate les unes avec les autres*”.

*religiosidade, relações afetivas e animais*. O motivo para seleção desses campos refere-se às temáticas que foram mais produtivas nos contos. Nos quadros subsequentes, apresentamos as unidades lexicais pertencentes a cada campo lexical.

No que tange à organização dos campos lexicais, eles foram organizados pelo arquilexema, que lhe confere o título, seguido das unidades léxicas que o compuseram, suas abonações e suas acepções extraídas dos dicionários gerais de língua ou engendradas por nós ou por outros autores e/ou obras, quando os dicionários não as registraram. Os arquilexemas constituem os hiperônimos do campo lexical, sendo unidades léxicas de sentidos mais gerais, que incluem outras de sentidos mais específicos, na direção contém/está contido. Quando a acepção foi extraída de dicionários, referenciamos a obra consultada ao final da definição. Iniciamos pelo campo *Ofícios/profissões* apresentado no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Campo lexical *Ofícios/profissões*.

Ofícios/ Profissões	Unidade Lexical	Abonação	Sentido
	Advogado	“[...] um <i>advogado</i> de anel no dedo que nunca pisara descalço [em] terra boa [...]” (Coelho, 2009, p. 151).	“pessoa habilitada a prestar assistência profissional em assunto jurídico, defendendo judicial ou extrajudicialmente os interesses do cliente” (Houaiss; Villar, 2009).
	Cometa	“Dizia também dos <i>cometas</i> , uns caixeiros, com seus jegues e mulas de carga, na venda de um tudo, pelas fazendas e roças [...]” (Coelho, 2009, p. 155).	“Viajante que percorria todo o país a cavalo como negociante e como mensageiro” (Michaelis Online, 2023).

Derrubar mato pra fazer roça	“O pai dele, seu bisavô, lá pras bandas do Descoberto, fora um dos primeiros, de machado na mão calosa, a <i>derrubar mato pra fazer roça</i> .” (Coelho, 2009, p. 154).	Cortar a vegetação alta com auxílio de enxada. Aparar a vegetação mais alta para utilizar o local para alguma finalidade específica (pasto, trilha).
Homem engravatado	“[...] Mas prum <i>homem engravatado</i> , um advogado de anel no dedo que nunca pisara descalço [em] terra boa [...]” (Coelho, 2009, p. 151).	Advogado, homem rico, de negócios.
Lida da casa	“Por companhia só uma velha que tomava conta da <i>lida da casa</i> [...]” (Coelho, 2009, p. 154).	Afazeres domésticos.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

É digno de nota, *a priori*, estabelecer a diferença entre *ofício* e *profissão*. *Ofício* é uma atividade realizada por profissionais, mas que não requer uma formação específica para sua execução; já a *profissão* é, segundo Houaiss e Villar (2009), uma “atividade para a qual um indivíduo se preparou”, ou seja, para executá-la, ele precisou de uma formação específica. Assim, “lida da casa”, “derrubar mato para fazer roça” e “cometa” são ofícios, ao passo que “advogado”, também, sinônimo de “homem engravatado”, é profissão.

Acerca das cinco unidades lexicais que compõem esse campo léxico, a primeira delas, “homem engravatado”, faz menção a uma profissão que era muito prestigiada, mas poucos eram os que conseguiam cursá-la, talvez, pelo fato de no Brasil o curso de Direito ter surgido apenas em 1822. Ser “advogado”, no contexto do conto, significava ter conhecimento, inclusive para usurpar a terra alheia para si, para acúmulo de riquezas e não necessariamente para plantar, fazer roças para si ou para vender. Tal fato pode ser asseverado pelo trecho da obra: “E se Ditinho não morresse, se

salvasse, poderia continuar escrevendo nos jornais, poderia escrever até um livro contando a história deles, a explicação de como os doutorzinhos de asfalto fazem para tomar a terra dos outros” (Coelho, 2009, p. 196). À luz disso, o autor utiliza ainda as unidades lexicais “homem engravatado” para se referir à profissão, ou seja, refere-se ao advogado pela roupa que é normalmente utilizada por esses profissionais, visto que uma das formas de diferenciar o lavrador ou as pessoas que lidavam cotidianamente com a terra do advogado, era pelo seu traje. Nessa perspectiva, a unidade lexical registrada no trecho supracitado, a saber “doutorzinhos de asfalto”, é utilizada para referir-se também aos advogados, ela é utilizada pelas personagens de “A luta”, que estão inseridas em um contexto rural, assim, os “doutorzinhos de asfalto” poderiam ser tanto os advogados quanto qualquer outra profissão ligada ao meio urbano, que utilizasse da sabedoria para obter vantagens em relação aos moradores rurais.

A unidade léxica “cometa” diz respeito ao viajante que percorria todo o país a cavalo como negociante e como mensageiro para vender os mais diversos produtos para donas de casa, fazendeiros, empresários, entre outros. Atualmente, não se faz mais esse serviço a cavalo, haja vista que outros meios de locomoção foram substituindo a tração animal; de maneira similar, a unidade léxica *cometa* caiu em desuso e foi substituída, a princípio, por “caixeiro-viajante” (Ortêncio, 2009, p. 226) e, na contemporaneidade, por “representante de vendas”. O produto de venda não foi especificado pelo autor no conto, mas é sabido que eles podiam vender objetos manufaturados, tecidos, joias etc., conforme a especificidade do seu público-alvo. Era uma profissão muito importante no século XX, haja vista que alguns produtos vendidos por ele só eram encontrados em grandes cidades e ele facilitava o acesso a estas mercadorias por quem morava nas fazendas e não podia percorrer grandes distâncias. A ocorrência dessa unidade léxica no *corpus* indica que essa atividade profissional era uma prática comum na sociedade da época e necessária para os moradores dos rincões goianos.

A unidade lexical “derrubar mato para fazer roça” é referente a um ofício muito executado nas roças quando o capim está com altura superior à sua dimensão vertical,

tornando-se um obstáculo à plantação. Ortêncio (2009, p. 265) denomina esse ofício de “derrubada” e diz que ele é executado quando o “mato está sendo posto abaixo para fazer roça”, ou seja, a derrubada do mato concretiza-se quando se limpa uma dada área que servirá para plantar uma cultura<sup>6</sup>. Não raras vezes, quando o mato está seco, utiliza-se a queimada para esse tipo de serviço, todavia, essa prática causa graves danos ao solo, à biodiversidade, ao ecossistema e à qualidade do ar. Como alternativa, o produtor pode se utilizar de outros meios para executar este serviço, tais como: enxada, roçadeira ou foice, que são maneiras mais trabalhosas de se fazer a “limpeza” da área, mas reduzem a poluição do solo e do ar.

“Lida da casa” refere-se ao trabalho doméstico executado nas roças, em sua grande maioria por mulheres. No conto “A luta”, esse trabalho é realizado por uma senhora que ficou responsável pela limpeza da casa desde que o protagonista do conto ficou viúvo. Essa personagem e sua filha eram responsáveis pelos mais diversos serviços, por exemplo: limpeza da casa, do galinheiro, administração de ração para as galinhas e recolha dos ovos que elas botavam diariamente, e a limpeza do paiol que tinha na roça.

Esse campo lexical referente aos *ofícios* e *profissões* das personagens reúne algumas atividades da lida na roça, tais como: derrubar mato, e outras em que é perceptível um *continuum*, isto é, *ofícios* e *profissões* que são desenvolvidos tanto na roça quanto na cidade, a exemplo da *lida da casa* e *cometa*. Lembramos que essa última teve seu nome modificado, porque suas configurações socioculturais foram igualmente alteradas, sendo atualmente mais conhecido como representante de vendas.

Outro campo a ser analisado refere-se à *Religiosidade*, como pode-se ver abaixo:

**Quadro 2** - Campo lexical *Religiosidade*.

<b>Religiosidade</b>	<b>Unidade Lexical</b>	<b>Abonação</b>	<b>Sentido</b>

<sup>6</sup> Entendemos por cultura uma área cultivada para plantio, bem como o produto oriundo dessa plantação.

	Novena	“Aí ficou sabendo da <i>novena</i> em honra de São Lourenço, padroeiro do povoado, modo o primeiro morador, o que abriu ali uma venda, filho de espanhol, chamado Lorenzo” (Coelho, 2009, p. 171).	“No catolicismo, série de atos e orações durante nove dias consecutivos para se alcançar uma graça divina” (Michaelis <i>Online</i> , 2023).
	Terço cantado	“[...] dança numa tolda comprida pra caber todo mundo, com sanfoneiro rasgando sanfona em toques animados, só parando pro leiloeiro apresentar e fazer o leilão das prendas que os juízes nomeados pelo festeiro levavam todas as noites - e o principal, o da devoção, o <i>terço cantado</i> sem faltar um dia, em antes de começar a festa” (Coelho, 2009, p. 171).	Manifestação religiosa de origem portuguesa que se realiza com orações rezadas e cantadas por um grupo de homens e mulheres.
	Procissão	“Era o final da novena e, por isso, em antes de se cantar o terço, fizeram a <i>procissão</i> [...]” (Coelho, 2009, p. 176).	“Cortejo solene e religioso de padres e fiéis, geralmente ordenados em alas, carregando imagens e crucifixos e entoando rezas e cantos pelas ruas em sinal de devoção” (Michaelis <i>Online</i> , 2023).

	Puxador de terços	“Pela manhã, um <i>puxador de terço</i> , morador da vizinhança, começou com o Credo, seguido do Padre Nosso, da Ave Maria, e do Glória, arrematando com a ladainha pra Virgem Mãe de Deus, acompanhado por todos nos responsos” (Coelho, 2009, p. 180).	Pessoa encarregada de conduzir a oração do terço.
	Pôr a vela na mão	“Até que a moça os acordou, num dia de de-noite, avisando que a velha se finara de vez, que sua mãe acabava de <i>pôr a vela na mão</i> da coitada” (Coelho, 2009, p. 164-165).	“[...] iluminar o caminho de passagem para o além-vida” (Bernardo, 2021, p. 65).

**Fonte:** Elaborado pelas próprias autoras.

Nesse campo lexical, as cinco unidades léxicas que o compõem são referentes à religiosidade. A “novena”, segundo o dicionário Michaelis (2023), é um conjunto de orações e práticas litúrgicas realizadas simultaneamente. Geralmente, ela é rezada por nove dias para se alcançar uma graça ou agradecer por um pedido que foi atendido. Essa unidade lexical ocorre no conto “A luta”, o santo padroeiro era São Lourenço, um santo espanhol, padroeiro do povoado, a quem os fiéis rezavam novenas para que houvesse intercessão em favor deles.

O “terço cantado”, geralmente, é entoado por todos os participantes da novena e é uma das manifestações do catolicismo popular que homenageia e reverencia o santo para o qual o terço é dedicado. Os terços cantados são uma manifestação religiosa ainda muito presente no catolicismo popular e acontecem em forma de uma reunião, na qual as pessoas se agrupam para rezar, pedir e agradecer pelas graças alcançadas ou almeçadas. Geralmente, essa festividade religiosa envolve pessoas que moram na região, além de outros devotos que moram em regiões circunvizinhas. É uma

maneira de ser membro do corpo de cristo e também de reforçar a fé dos moradores ali reunidos. Como pode ser observado no *corpus*, constitui uma tradição religiosa comum à época, e que se estende até a atualidade.

A “procissão” também é parte do catolicismo popular, mas não é exclusividade dele. Ela pode acontecer tanto nos terços promovidos no interior das comunidades, conduzida por um líder religioso, bem como nos terços que são entoados nas igrejas pelos padres ou outras lideranças religiosas. Geralmente, nas igrejas ocorre no feriado de *Corpus Christi*, para comemorar a presença de Cristo entre os cristãos, na missa de ramos, entre outros.

O “puxador de terços” é o responsável por iniciar e conduzir as orações quando as pessoas estão reunidas para rezá-lo. Ele principia as orações, em tom de voz relativamente alto, para que os demais possam dar continuidade, sem se perderem ao longo da reza, para orientar os fiéis.

A unidade léxica “pôr a vela na mão” é uma unidade lexical empregada de maneira metafórica referindo-se a uma tradição bastante antiga na qual os católicos acreditavam que a vela serviria para iluminar e guiar a alma do falecido em seu caminho espiritual (Ariès, 1997). Este objeto era colocado na mão direita do defunto no momento de iniciar o ritual do velório, dando início aos preparativos desse momento. Além disso, simboliza a fé dos que aqui ficaram de que a pessoa falecida estaria na eternidade, ao lado de Deus.

No quadro abaixo podemos ver as abonações e as acepções das unidades lexicais que se referem ao campo das *Relações afetivas*:

**Quadro 3** – Campo lexical *Relações afetivas*.

<b>Relações afetivas</b>	<b>Unidade Lexical</b>	<b>Abonação</b>	<b>Sentido</b>

	Amigar-se	“[preto] Não casa, <i>amiga</i> . <i>Empd’inha</i> - <i>risadinhas guturais em e</i> . - <i>Ajouja</i> - <i>seo Chico lembrando dos tempos de carreiro e acrescenta</i> : - <i>Encanga</i> . <i>Juventino outra vez intrigando</i> : - <i>Diz também que negro não namora, empirreia na casa da roxa</i> ” (Coelho, 2009, p. 34-35)	Ligar-se amorosa e sexualmente a alguém sem estar com ele casado (Aulete; Valente, 2023). Refere-se ao ato de assumir um compromisso amoroso com alguém, sem as formalidades legais.
	Garrar a querer bem	“Depois conhecera uma mulher pouco mais velha do que ele e assim franzina de corpo, <i>garrou a querer bem</i> , se amigou com ela” (Coelho, 2009, p. 156).	Ter carinho e se apaixonar por alguém.
	Noivos	“Comparara, em várias barraquinhas, algumas prendas para a moça, e não demorou muito a perceber que as pessoas os tinham como casados ou então <i>noivos</i> ” (Coelho, 2009, p. 175).	“Indivíduo que está para se casar, que se comprometeu matrimonialmente com (alguém)” (Houaiss; Villar, 2009).
	Casamento	“O <i>casamento</i> foi realizado por eles mesmos [...]” (Coelho, 2009, p. 180).	“Ato solene de união entre duas pessoas” (Michaelis Online, 2023).
	Amasiamento	“Aquele coisa ruim tá de <i>amasiamento</i> com a Chica do Nerso” (Coelho, 2009, p. 142).	“Ligar-se, juntar-se em mancebia ou concubinato” (Houaiss; Villar, 2009). É um tipo de relação não reconhecida legalmente, como em “amigar-se”.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

Nesse campo, temos a unidade lexical “amigar-se”, que se refere ao ato de juntar-se a alguém sem ter necessariamente realizado uma cerimônia religiosa ou oficial, com a benção do padre ou do juiz de paz. Ela é mencionada no conto “Conversa na barbearia”, quando três amigos estão na barbearia conversando e utilizam a expressão para fazer piadas sobre pessoas negras sem se atentarem ao fato de que havia uma pessoa negra no local. Neste contexto do conto, “amigar-se” com alguém possui uma conotação pejorativa, por fazer crer que não se trata de um compromisso sério entre os envolvidos.

Outro tipo de relação afetiva presente nos contos é o “amasiamento”, que se refere ao ato de viver com alguém como se fora casado, sem que se efetivasse a união com o matrimônio. Amasiar-se é sinônimo de “amigar-se”. Essa era uma condição que se deveria ser evitada e, no conto “Tocaia”, a morte de um homem é encomendada por estar vivendo amasiado com a personagem conhecida como “Chica do Nerso”, deixando em casa a sua família para encontrá-la aos fins de semana.

“Garrar a querer bem”, na linguagem roceira, consoante o contexto que nos fornece a obra, significa querer muito bem uma pessoa. No conto “A luta”, o neto do protagonista conhece uma mulher e passa a nutrir sentimentos amorosos por ela, sendo que a amizade torna-se amor, razão pela qual casaram e constituíram família. Assim, “garrar a querer bem” funciona, neste contexto narrativo, com o sentido de apaixonar-se por uma pessoa, nutrir um amor.

Os “noivos” são geralmente pessoas que se encontram comprometidas, com a finalidade de casarem-se. Entretanto, na narrativa, os “noivos” do conto “A luta” ainda não sabiam que se casariam, dado que eles somente se conheciam, mas não tinham nenhuma relação amorosa. Essa vontade surgiu, após terem comparecido juntos à festa do povoado e os presentes começarem a vê-los como um casal, o que fez com que eles considerassem a ideia e, a partir disso, uniram-se em matrimônio.

O “casamento” refere-se à união matrimonial entre duas pessoas, neste caso, refere-se ao casal supracitado. No caso da narrativa, temos a união mencionada no conto “A luta”, quando o neto do personagem principal decide casar-se com a filha da

cuidadora que morava com eles. Para a realização da cerimônia, como não havia padre nem juiz naquelas localidades, fizeram eles mesmos a união, acompanhados da família e de um puxador de terço.

Outro campo que se fez presente nos contos diz respeito aos *Animais*, que delimitamos prezando pelos animais usados para o sustento familiar, como fica evidente no quadro abaixo:

**Quadro 5 – Campo lexical *Animais para sustento familiar*.**

Animais	Unidade Lexical	Abonação	Sentidos
	Reses	“Mas inteirou-se dos serviços das roças, de quantas <i>reses</i> , <i>vaca parida</i> , <i>mojando</i> e <i>vaca solteira</i> , cavalos e jegues, o chiqueiro com os <i>capados</i> , o mangueiro com a <i>porcada</i> [...]”. (Coelho, 2009, p. 158).	“Qualquer animal quadrúpede que se abate para a alimentação do homem” (Houaiss; Villar, 2009).
	Vaca parida		Vacas que acabaram de parir.
	Vaca solteira		Vacas que não emprenharam na última estação ou que estão sem bezerros.
	Vaca mojando		Vacas que estão prenhes.
	Capados/ Porcada		“Porco castrado para engorda” e “Grande quantidade de porcos”, respectivamente. (Houaiss; Villar, 2009).

**Fonte:** Elaborado pelas próprias autoras.

A unidade lexical “res” designa animais para abate, geralmente quadrúpedes, tais como vacas, bois, bezerros etc., que estão na cadeia alimentar humana. Nos contos, de modo geral, é muito frequente a menção à *charqueada*, local que servia de abate de bois e vacas para o preparo do *charque*, uma carne salgada e secada ao sol para mantê-la consumível por mais tempo, o que conjecturamos se tratar de uma característica comum à época e à cultura local no quesito da alimentação.

A unidade lexical “vaca parida” é, segundo, Pires (2015), um animal importante no fornecimento de leite, bem como na recria de animais. Esse animal possui um trato diferenciado da fertilidade até a amamentação dos bezerros e até mesmo garrotes, haja vista que seu principal objetivo é a manutenção financeira de seus donos. Pires (2015) explica que a “vaca solteira” era um animal que não estava com cria<sup>7</sup> no momento, nesse sentido, entendemos que se tratava de um animal que não poderia fornecer leite até que parisse novamente.

Por fim, a unidade léxica “vaca mojando” era uma vaca que estava prenhe, esperando para ter o seu bezerro e que futuramente poderia fornecer leite para ele e para a alimentação da família descrita no conto “A luta”. Dado o contexto da obra, interpretamos que o bezerro, após o período de crescimento, poderia ser abatido para a alimentação ou ainda ser vendido/trocado para garantir o acesso a outros bens para a família.

As unidades léxicas *capados* e *porcada* são referentes à criação de porcos por parte dos moradores das regiões goianas. Observamos a ocorrência dessas unidades léxicas em grande medida no conto “A luta”, demonstrando que a família criava suínos e bovinos para subsistência. Destacamos que nos contos há também a ocorrência de outras unidades léxicas que se referem aos animais para consumo, que não abordaremos neste momento, em detrimento do nosso recorte e objetivo.

Por fim, salientamos que no *corpus*, é notável uma grande quantidade de unidades lexicais que remetem ao cotidiano das personagens roceiras, o que nos levou a compreender que essas unidades lexicais, em sua maioria, são referentes ao âmbito rural, mas não exclusivo dele, pois ao nos debruçarmos mais detidamente sobre a obra, notamos que elas fazem parte do léxico geral da língua e estão também presentes na fala cotidiana de pessoas que vivem na *urbe*, a exemplo de *cometa*, *puxador de terços*, *pôr a vela na mão*, *amasiamento*, apenas para citar alguns exemplos.

---

<sup>7</sup> A unidade lexical “cria”, neste contexto, refere-se ao animal recém-nascido que ainda mama.

## Considerações finais

O presente trabalho teve como intuito discutir a relação entre língua e cultura em três contos da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009). Nesse sentido, analisamos quatro campos lexicais, que muito revelaram sobre os temas mais recorrentes no *corpus*. Foi perceptível que os temas mais abrangentes que formaram estas redes semânticas são *ofícios/profissões*, *religiosidade*, *relações afetivas* e *animais*, porque se mostraram produtivos nos contos analisados. Salientamos que, devido à extensão deste artigo, selecionamos apenas cinco unidades lexicais para compor cada campo, entretanto, o estudo em tela pode ser ampliado levando em conta outros critérios que renderão outras unidades passíveis de análise.

A partir dos contos analisados e do desenvolvimento nessa investigação, ficou evidente que, para a época, aprender os ofícios da lida rural era necessário para a subsistência. Além disso, as unidades lexicais inventariadas mostram uma realidade da cultura da época que se estende até a atualidade, como a realização de cerimônias religiosas e criação de vacas e porcos, seja para consumo próprio ou venda.

O trabalho revela algumas das relações sociais e culturais de Catalão à época, como as lidas cotidianas, em geral, na zona rural, levando a perceber como o homem desse tempo estava inevitavelmente conectado à terra, da qual retirava o seu sustento. Assim, diante dos contos de Coelho (2009) que analisamos, entendemos que as propriedades rurais consistiam na principal fonte de sustento de seus proprietários e também dos agregados, que ali residiam e realizavam serviços ligados aos cuidados com a casa e preparo de refeições, assim como à criação de animais, como porcos e galinhas, e que não vislumbravam a possibilidade de ascensão social, porque era uma condição que se estendia a outras gerações daquela família.

O acesso aos bens, em toda a sua diversidade, por meio de *cometas*, também demonstra as longas distâncias que separavam as fazendas das localidades urbanas. A figura do *homem engravatado*, com anel no dedo, chama a atenção pelo fato de que o *status* das pessoas se distinguia também pelos trajes que vestiam. O advogado é

descrito como a pessoa que desconhece a lida na terra, sendo considerado esperto, por conhecer os subterfúgios da lei e aproveita-se disso para tomar as terras de quem não tem conhecimento suficiente para evitar que isso aconteça.

As pesquisas lexicais com *corpus* literário vêm ganhando cada vez mais espaço no cenário dos estudos lexicais, especialmente no que se refere à estilística lexical, nesse sentido, realizar este estudo, mesmo não tendo como foco a estilística lexical, contribui com as investigações lexicais, haja vista que coloca em evidência temas contemporâneos e realça o léxico que muitas vezes é estigmatizado.

Por fim, frisamos que realizar esta pesquisa foi importante porque demos visibilidade à obra de Coelho (2009), que ainda não havia sido estudada pelo prisma lexical. Pelo fato de esta produção literária poder ser estudada por diversas áreas da linguagem, salientamos o ensejo de debruçarmos sobre ela e outras obras do autor a fim de realizar outras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343.
- ARAÚJO, Marli Gomes de. *A influência da moda na literatura: a caracterização da personagem de ficção nos romances brasileiros do século XIX*. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/CMOZ9> Acesso em: 29 jun. 2023.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.
- ASSIS, Machado. *Machado de Assis: Crítica literária e textos diversos*. In.: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (Orgs.). 1. ed. Formato Digital. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/9Jkp3>. Acesso em: 08 fev. 2023.
- AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário online Caldas Aulete*. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BARRETO, Evanice Ramos Lima. Os campos léxicos do testamento de D. Afonso II. *Cadernos do CNLF*, ano 16, n. 46, jan./abr. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010. p. 65-87.

- BERNARDO, Jozimar Luciovanio. Religiosidade popular na contística e cronística de Braz José Coelho. In.: DE PAULA, Maria Helena (Org.). *Um homem e(m) suas palavras: homenagem a Braz José Coelho*. Catalão(GO): Letras do cerrado, 2021.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística – em homenagem a Nicolau Salum*. São Paulo: T.A Queiroz: EDUSP, 1981, p. 131-145.
- BORBA, Francisco da Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, Renata. Coelho; CORTINA, Arnaldo. Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 81-96.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*. Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://abrir.link/VEGw1>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- CARDOSO, Elis de Almeida. *O Léxico no Discurso Literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea*. São Paulo: Edusp, 2018.
- COELHO, Braz José. *Rastros e trilhas*. Catalão: Kaio gráfica e editora, 2009.
- COSERIU, Eugenio. Vers une typologie des champs lexicaux. *Cahiers de lexicologie*. 1972. p. 29-51.
- COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1955, p. 145-226.
- FRANKENBERG-GARCIA, Ana. The lexicography of Portuguese. In: HANK, Ps: Patrick.; DESCHYVER, Gilles-Maurice. (orgs.). *International Handbook of Modern Lexis and Lexicography*. Springer, Berlin, Heidelberg, p.1-10, 2017.
- GECKELER, Horst. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976. (Bibi. Românica Hispânica; Estúdios y ensaios, 241).
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão monousuário 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://abrir.link/xPUaM>. Acesso em 05 jul. 2023.
- MONTEIRO, Charles. História, literatura e memória do espaço urbano na ficção de Moacyr Scliar, *Estudos Ibero-americanos*, PUCRS, v. XXIV, n. 1, jun., 1998, p. 181-199.
- ORTÊNCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central*. 2. ed. Goiânia: ICB, 2009.
- PALACÍN, Luiz; MORAES, Maria Augusta Santana. *História política de Catalão*. Goiânia: Editora da UFG, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PIRES, Maria Gabriela Gomes. *De bens de herança a bens culturais: um estudo linguístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás - Câmpus Catalão, Catalão, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-2012.

RICOEUR, Paul. *Memória, história e esquecimento*. Budapeste: [s.n.], 2003. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia). Acesso em: 15 mar. 2021.

Re-Unir